

IMAGENS DA MULHER EM *O QUINZE* E *AS TRÊS MARIAS* DE RACHEL DE QUEIROZ: AUTONOMIA X FRUSTRAÇÃO

Livia Torres
Mestrado/UFF
Orientador: André Dias

Estudos sobre a mulher são recorrentes não só no que diz respeito à Literatura assim como em diversas outras áreas do conhecimento. Entretanto, sinto-me impelida a escrever sobre este assunto por ser muito atual e pertinente na sociedade em que vivemos. Dominada por uma sociedade patriarcal durante séculos, há um crescente movimento por parte da mulher para se livrar dessas amarras e se colocar num patamar de igualdade com relação aos homens.

Não há dúvida que muitos avanços foram conseguidos na busca por essa autonomia. Hoje, as mulheres têm direitos e deveres de cidadãs assim como os homens, emancipou-se tanto afetiva quanto sexualmente, garantiu seu espaço no mercado de trabalho. Mas o que me instiga é observar o fato de que estas conquistas não são plenas, comumente vêm acompanhadas de um sentimento de frustração. Quantas mulheres encontramos em nosso dia-a-dia, realizadas profissionalmente, mas que dizem se sentirem incompletas por não terem conseguido conciliar esta realização com a formação de uma família? Ou que conseguem as duas coisas, mas sentem-se culpadas por não conseguirem dar a devida atenção a um dos lados? Ou ainda, quantas mulheres sentem-se perdidas na busca por um parceiro sexual, até mesmo por um parceiro para constituir um compromisso?

Além disso, é importante ressaltar a quantidade de mulheres que, mesmo depois de tantas conquistas, encontram-se subjugadas pelo “poder” do homem. Mulheres que sofrem violências, que são espancadas e até mortas por seus parceiros.

Chego, aqui, no meu ponto crucial. De que maneira observar como o universo literário desenvolve o tema da questão da conquista da autonomia feminina que vem acompanhada de frustração? É nesse momento que me deparo com a figura de Rachel de Queiroz. Sua trajetória de vida, sendo uma mulher, nascida no início do século XX,

é, no mínimo, peculiar. Numa época em que as moças de família eram criadas para o casamento e a família, em que as mulheres não eram bem vistas se saíssem à rua desacompanhadas, Rachel de Queiroz ultrapassou diversas barreiras.

Nascida no Ceará, desde muito nova a escritora foi incentivada à leitura por seus pais. Publicou seu primeiro romance aos 19 anos, veio para o Rio de Janeiro onde se juntou aos escritores consagrados da época, participando das rodas literárias nas quais era a única mulher. Foi casada, perdeu sua única filha, divorciou-se e casou novamente com aquele que seria seu companheiro por toda a vida. Tudo isto sem perder o respeito e a admiração daqueles que estavam à sua volta, culminando com a sua eleição para primeira mulher a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras.

A escritora, autora de sete romances, além de obras para o teatro, livros infantis, e uma vasta contribuição em crônicas, passeou como ninguém pelo universo da emancipação feminina. Todas as suas protagonistas, sem exceção, são mulheres fortes, emancipadas, preocupadas com questões sociais. “Minhas mulheres são danadas não são? Talvez seja ressentimento do que não sou e gostaria de ser”, diz a autora em entrevista aos Cadernos de Literatura Brasileira, do Instituto Moreira Salles. Contudo, possuem uma marca em comum, a frustração na vida afetiva e pessoal.

Diante de suas obras, nas quais a mulher figura sempre como protagonista, foi difícil delimitar o corpus para minha pesquisa. Tantas mulheres fortes, com um material riquíssimo para análise... Como deixar de fora Maria Moura, a cangaceira que comanda seus jagunços com mão de ferro? E a sofrida Dôra, de *Dôra, Doralina*, que sai da fazenda com o intuito de se libertar do domínio da mãe para ser conscientemente submissa ao seu amor? Deterei minha pesquisa, contudo, às protagonistas de *O quinze* e *As três Marias* pois acredito que estes dois romances sejam de grande relevância para um estudo sobre as imagens femininas que buscam independência e autonomia, sempre permeadas pelo sentimento de frustração e incompletude com a promessa de recorrer às outras obras sempre que for pertinente.

Com um estilo seco, enxuto, desprovido de lirismos romanescos, a jovem escritora publica, aos 19 anos, *O quinze*, seu primeiro livro, em 1930. A crítica regional, à época, não deu muita importância ao livro, mas na região Sudeste, principalmente no eixo Rio - São Paulo, a crítica foi muito favorável. Graciliano Ramos, por exemplo, não acreditou que o livro teria sido escrito por uma mulher.

Seria realmente de mulher? Não acreditei. Lido o volume e visto o retrato no jornal, balancei a cabeça:
Não há ninguém com este nome. É pilhéria. Uma garota assim fazer romance! Deve ser pseudônimo de sujeito barbado.
Depois conheci *João Miguel* e conheci Rachel de Queiroz, mas ficou-me durante muito tempo a ideia idiota de que ela era homem, tão forte estava em mim o preconceito que excluía as mulheres da literatura.
(RAMOS *apud* BUENO, 2006: 133)

Acredito que seja relevante uma pausa para prestarmos atenção na data de publicação da obra, década de 30, o que torna significativo um estudo sobre a Literatura de 30.

Os modernistas da Semana de Arte Moderna de 1922 trouxeram uma mudança significativa no panorama da Literatura feita no Brasil, mudança esta, que teria sido mais enfática no projeto estético. O próprio Mário de Andrade faz uma auto crítica, publicada em seu livro *Aspectos da literatura brasileira*, sobre o seu papel, assim como o de seus companheiros, no movimento modernista. “Éramos uns puros”, diz o poeta, que afirma que formavam um grupo de “heróis convencidos”, e questiona a falta de comprometimento político. “Apesar da nossa atualidade, da nossa nacionalidade, da nossa universalidade, uma coisa não ajudamos verdadeiramente, dum coisa não participamos: o amilhoramento político – social do homem.” (ANDRADE, 1974: 255).

Essa preocupação política veio com a geração de 1930 e a produção de romances de denúncia, social e politicamente engajados. De acordo com Antonio Candido, o inconformismo e o anticonvencionalismo se tornaram um direito, não uma transgressão. “Foi como se a literatura tivesse desenvolvido para o leitor uma visão renovada, não-convencional, do seu país, visto como um conjunto diversificado mas solidário.” (CANDIDO, 1987: 187).

Ainda segundo a visão de Antonio Candido, houve uma penetração das preocupações sociais e religiosas nos textos, como viria a ocorrer novamente nos tempos atuais, em termos diversos e com maior intensidade. Entre esses romancistas, dentre os quais estão Graciliano Ramos e José Lins do Rego, está Rachel de Queiroz, uma voz feminina despontando entre nomes já consagrados no meio literário.

O quinze narra a história da grande seca que assolou o Nordeste em 1915. A protagonista, a órfã Conceição, vive entre a capital, onde trabalha como professora, e o sertão, local em que fora criada por sua avó, dona Inácia. A jovem, emancipada e

independente, não sonha com o casamento; além de trabalhar, vive para seus projetos sociais e para suas leituras.

Conceição tinha vinte e dois anos e não falava em casar. As suas poucas tentativas de namoro tinham-se ido embora com os dezoito anos e o tempo de normalista, dizia alegremente que nascera solteirona.

Ouvindo isso, a avó encolhia os ombros e sentenciava que mulher que não casa é um aleijão...

- Esta menina tem umas ideias!

Estaria com razão a avó? Porque, de fato, Conceição talvez tivesse *umas ideias*; escrevia um livro sobre pedagogia, rabiscara dois sonetos, e às vezes lhe acontecia citar o Nordau ou o Renan da biblioteca do avô.

Chegara até a se arriscar em leituras socialistas, e justamente dessas leituras é que lhe saíam as piores das tais *ideias*, estranhas e absurdas à avó.

Acostumada a pensar por si, a viver isolada, criara para o seu uso ideias e preconceitos próprios, às vezes largos, às vezes ousados, e que pecavam principalmente pela excessiva marca de casa. (QUEIROZ, 2010: 14)

Apesar de avessa ao casamento, Conceição nutre uma paixão correspondida por seu primo, Vicente. O rapaz é o oposto dela. Vive no sertão, cercado pelos cuidados com os animais e às voltas com as consequências da seca nas terras de sua família. A jovem protagonista, lúcida e realista, apesar de seu sentimento, percebe que a união entre os dois seria impossível por pertencerem a mundos ideológicos totalmente diferentes.

Num relevo mais forte, tão forte quanto nunca o sentira, foi-lhe aparecendo a diferença que havia entre ambos, de gosto, de tendências, de vida.

O seu pensamento, que até há pouco se dirigia ao primo como a um fim natural e feliz, esbarrou nessa encruzilhada difícil e não soube ir adiante. (*Ibidem*: 84-85)

Nesta passagem da obra, é interessante destacar observação feita por Carlos Heitor Cony em artigo escrito para os Cadernos de Literatura Brasileira do Instituto Moreira Salles. Diz o escritor que o amor entre os primos é um amor que não se realiza, que cada um guarda consigo, um jogo de claro – escuro, poderosa influência de Machado de Assis. Vale ressaltar que tanto Rachel de Queiroz quanto sua protagonista,

eram leitoras do escritor fluminense. Essa “penumbra machadiana”, esse contraste a que se refere Cony, fica bem evidente em algumas passagens da obra.

Ele lhe parecia agora como um desses recantos da mata, próximo a um riacho, num sombrio misterioso e confortante. Passando num meio-dia quente, ao trote penoso do cavalo, a gente para ali, olha a sombra e o verde como se fosse para um cantinho de céu... (*Ibidem*: 85)

Avançando um pouco no tempo, mais especificamente no ano de 1939, é publicado o livro *As três Marias*, obra escolhida para dialogar com *O quinze*. Assim como este, aquele também está inserido na década de 30, ambos estão, portanto, muito próximos historicamente. Narrado em primeira pessoa, encontramos aqui a história de Maria Augusta, a Guta, que ficando órfã de mãe, é internada num colégio de freiras. Lá ela conhece as outras duas Marias, Maria da Glória e Maria José.

Esta obra, em particular, possui uma rica contribuição no que se refere aos estudos sobre a mulher, pois traz um vasto universo feminino a ser explorado, não só através da personagem principal como das outras Marias e das diversas alunas do colégio de freiras. Cada qual apresentando perfis diferentes de personalidade e histórias que muito têm a colaborar para esta análise.

As três Marias, de acordo com sua autora, é entre todos, o romance mais autobiográfico e a parte mais difícil teria sido diluir o âmbito propriamente pessoal, o depoimento, a lembrança pessoal.

O livro narra desde a entrada de Guta no internato, aos 12 anos, até sua saída para o “mundo real”, já como uma jovem mulher. Uma menina reservada, observadora, vai se transformando na adolescente que descobre a literatura: “Falei em livro. É que vivíamos lendo, então. Foi justamente por esse tempo que descobri a literatura.” Até dar vez à jovem Guta, que sai do colégio ainda sentindo-se perdida, sem saber que rumo tomar.

Menina-e-moça me tiraram do ninho quente e limitado do colégio – e eu afinal conheci o mundo.

(...)

Eu deveria ter ficado no Crato, as férias não seriam férias, apenas o começo da nova vida junto de minha gente. Porém não me conformei com isso e atravessei aqueles meses em casa como num hotel, como numa estação de passagem. Envergonhava-me dizer, mas não considerava aquilo o meu lar, ou pior, não sentia necessidade de lar, e tudo me parecia aborrecido, monótono e intruso. (*Ibidem*: 76)

A moça decide ir para a cidade e passa a morar na casa de sua amiga, Maria José. Consegue um emprego, mas mesmo assim não se sente satisfeita. É como se Maria Augusta vivesse uma eterna insatisfação, como se não conseguisse encontrar seu espaço no mundo. Vive a busca constante de completar um vazio interior, que nunca é preenchido. “Tédio de me sentir inútil e sozinha, parada, no meio da agitação de todos, sem um ponto de referência afetiva com ninguém, unidade extraviada no meio da multidão estranha.”

Passeando entre os universos de Conceição e Maria Augusta, sempre contando com a ajuda de personagens de outras obras de Rachel de Queiroz tentarei entender por que, mesmo conseguindo a tão sonhada autonomia, conquistando o espaço de mulheres independentes e emancipadas, existe sempre uma frustração, como se a conquista não pudesse ser completa.

No corpus do trabalho me deterei mais nas afinidades e diferenças entre essas protagonistas. Vale ressaltar, desde já, esse ponto convergente que acredito ser crucial em toda a obra da escritora. Todas as suas protagonistas terminam mal resolvidas na vida afetiva. Nas palavras de Ligia Chiappini, “Um fatalismo obscuro pesa sobre a totalidade dos romances, que evitam o final feliz. As mulheres fortes, que buscam a liberdade, seja pelas letras seja pelas armas, ficam sozinhas, sem marido e, constante cujo significado teríamos que analisar melhor, sem filhos (ou não chegam a tê-los ou perdem-nos).” (CHIAPPINI, 2002: 170)

Ligia Chiappini termina dizendo que seria falta de otimismo da autora em relação ao futuro reservado para a mulher num mundo feito pelos homens e para homens. Entretanto, esta afirmação pode ser refutada pelas palavras da própria Rachel de Queiroz em entrevista publicada no *Diário da noite* em 1940, transcrita no artigo de Heloísa Buarque de Hollanda em seu artigo *O éthos Rachel*.

Podem escandalizar-se os sociólogos e toda gente mais: para o século XXI, eu prevejo a vitória social das mulheres. As mulheres deixarão de ser o elemento secundário na sociedade e na família para assumir a vanguarda de todos os atos e de todos os acontecimentos. (...) Como já salientei, tudo indica essa evolução sensacional: as mulheres penetrando em todos os setores da atividade masculina. (...) E eu só queria viver mais 100 anos para ver a reabilitação definitiva das mulheres, tão certo como 3 e 3 são 6. (QUEIROZ, 1940)

Agora que conhecemos um pouco mais sobre as protagonistas das obras estudadas, duas questões se fazem pungentes. As obras ficaram datadas historicamente ou seria possível para um leitor contemporâneo aferir o efeito delineado pelo texto? Partindo do pressuposto da aferição do efeito, o jogo entre autonomia / frustração feminina pode ser considerado atual? Vejamos.

Partindo do ano de 1915 para os dias atuais, segundo decênio do século XXI, quantas Conceições encontramos no nosso dia-a-dia? A partir de observações empíricas, podemos dizer que a obra de Rachel de Queiroz, no que diz respeito à representação feminina, é extremamente atual. Cada vez mais, inúmeras mulheres vivem a inquietação de não conseguirem conciliar a vida profissional com a vida emocional. Buscam sua independência financeira e postergam casamento e maternidade. Assim como Conceição, ouvimos no nosso cotidiano, inúmeros relatos de mulheres que trabalham, são independentes, mas sentem-se incompletas por não terem formado uma família. E mesmo entre aquelas que conseguem realizar as duas coisas, muitas vezes sentem-se frustradas por não conseguirem se dividir e dar atenção à família devido à demanda profissional.

De acordo com Vilma Arêas, em seu artigo *Rachel: o ouro e a prata da casa*, uma possibilidade de leitura para a “seca” retratada em *O quinze*, seria a figuração inesperada e original do caminho da mulher moderna, pois desloca-se do conforto das posições e proteções patriarcais para a *secura* de sua autoconstrução, necessariamente solitária e radical.

As três Marias, apontado pela autora como seu romance mais autobiográfico, trata de outro sentimento, o do exílio. É este o sentimento que acompanha a jovem Guta durante todo o seu percurso na narrativa. Primeiro, sai do sertão, órfã de mãe, rumo ao internato. Depois, já uma moça, sai do “ninho quente e limitado do colégio” e conhece o mundo. Por fim, após dores e frustrações, retorna à casa, ao sertão, figurada como derrota, em noite fechada “melancólica e cinzenta, como a caatinga, donde ela sobe”. A personagem sente-se só e desamparada em todos os momentos e lugares, como se não pertencesse a lugar nenhum.

Atrevo-me a dizer que este exílio é o sentimento da mulher que ainda não encontrou seu lugar no mundo, que lutou por sua liberdade de pensar, agir, trabalhar e viajar mas que, paradoxalmente, esbarrou no sacrifício da maternidade e da vida em comum com um homem amado.

Num mundo feito por homens e para homens, a história da emancipação feminina ainda é muito recente. A literatura tem caminhado lado a lado com esta busca, retratando as vitórias e dificuldades conquistadas. A dor e a frustração fazem parte de todo processo de mudança e amadurecimento. Não acredito que as obras retratadas neste trabalho façam algum tipo de prognóstico com relação ao futuro reservado à mulher, mostram o que foi e o que é na sua atualidade. O que virá ainda é uma interrogação a ser desvendada.

Concluo com uma reflexão da protagonista de *O quinze*, que poderia perfeitamente ser confundida com alguma contemporânea.

Ora, o amor!... Essa história de amor, absoluto e incoerente, é muito difícil de achar... eu, pelo menos nunca o vi... o que vejo, por aí, é um instinto de aproximação muito obscuro e tímido, a que a gente obedece conforme as conveniências... Aliás, não falo por mim... que eu, nem esse instinto... Tenho a certeza de que nasci para viver só... (QUEIROZ, 2010: 156)

Referências

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da Literatura Brasileira*. 5ª ed. São Paulo: Martins, 1974.

ARÊAS, Vilma. O ouro e a prata da casa. In _____. *Cadernos de Literatura Brasileira: Rachel de Queiroz*. Rio de Janeiro: 2002.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

CHIAPPINI, Lígia; BRESCIANI, Maria Stella. *Literatura e Cultura no Brasil: identidades e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2002.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. O éthos Rachel. In _____. *Cadernos de Literatura Brasileira: Rachel de Queiroz*. Rio de Janeiro: 2002.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. *Cadernos de Literatura Brasileira: Rachel de Queiroz*. Rio de Janeiro: 2002.

QUEIROZ, Maria Luíza de; QUEIROZ, Rachel de. *Tantos anos: uma biografia*. São Paulo: Arx, 2004.

QUEIROZ, Rachel de. *As três Marias*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

_____. *Dôra Doralina*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Bibliex, 1987.

_____. *Memorial de Maria Moura*. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2010.

_____. *O quinze*. 88ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

SOUZA, Aida Kuri. *A personagem feminina na Literatura Brasileira*. Criciúma, 2005. Monografia – Universidade do Extremo Sul Catarinense. Disponível em: <<http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/000027/000027C9.pdf>>. Acesso em 28 julho 2014.